

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

Os refugiados que partiram, a bordo do «Niassa», enviaram um radiograma ao sr. Presidente do Conselho, em que lhe agradecem a liberal hospitalidade com que foram acolhidos entre nós.

—A lembrança da reconfortante bondade do povo português a seu respeito ficou gravada para sempre no seu coração.

Merecem relevo estas palavras que confirmam o testemunho autorizado de Jacques de Lacretelle que declarou ter encontrado em Portugal o que parece haver desaparecido de quasi toda a Europa—a simpatia pelos que sofrem.

Se nós como comerciantes nem sempre defendemos os nossos interesses, quando se trata de estender mão fraterna às vítimas da desventura, procuramos não ficar atrás dos melhores.

Nunca seremos espantosamente ricos, mas temos ao menos um prazer que ninguém nos contestará—o prazer de abrir as nossas portas aos que vêm de longe, depois de perdidas a sua pátria e o seu lar.

A «Mocidade Portuguesa» vai instalar-se, no Palácio da Independência, a partir do 1.º de dezembro. Portugal é uma torre acastelada para os velhos e uma escada nobre para os novos. Os primeiros recebem os que chegam, dizendo-lhes:

—Recebei uma preciosa herança grandiosa com o sangue e o valor dos bravos! Os segundos inclinam-se e respondem: —Cumpriremos o nosso dever como está escrito:

—Esta é a ditosa Pátria minha amada...

Pierre Goemare, na conferência, interessanteíssima sob todos os aspectos, que ontem fez no Teatro Nacional de D. Maria II, afirmou que, entre todas as exposições que tem visitado, em Paris, Bruxelas e Zurich, a do Mundo Português lhe pareceu estranha a qualquer cosmopolitismo.

—A Exposição, por assim dizer, é mais portuguesa que a própria cidade. Transpostas as suas portas, é no próprio coração do País que penetramos.

Generalmente as exposições tendem a converter-se em feiras, em grandes mostruários. Entre o Tejo e os Jerónimos, a nossa situação, além de todo o mercantilismo. Como evocação do passado—prece e oferta às virtudes heroicas da raça—representa uma purificação, uma piedosa genuflexão perante a Fé e o Império.

Quantos, como lago, trazem consigo um saco para guardarem sequins de ouro, apanhados com pouco escrúpulo, poderão murmurar:

—Ganha dinheiro, seja como for! Portugal nunca amou a riqueza, com sordida ambição. Serviu sempre alguma coisa de superior e de imaterial. Ganha, gastava, dilapidava, mas redimia-se das suas faltas e loucuras construindo monumentos e praticando actos magnânicos.

E. du Vivier de Stree publicou, na «Revue des deux Mondes», um notável artigo de que tiramos o seguinte:

—No plano político, forçoso nos é reconhecer que as tentativas de equilíbrio europeu determinaram a maior parte das guerras que ensanguentaram a Europa, desde os fins do século XVI, sendo, portanto, necessário renunciar a tal intento. Não podemos, na hora presente, considerar a Europa como distinta do resto do mundo.

Entre vizinhos que se tocam muito de perto, as contendas são frequentes, sobretudo se disputam acerca de heranças ou confrontações de propriedades. Se um dia elevam o solho acima das suas mesquinhas querelas, sentem que, depois dum horizonte, há outro ainda maior. Breve passam a construir a sua vida num sentido mais humano e largo.

Um combate ao sul da Sardenha entre forças navais inglesas e italianas

GRANDE QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS ITALIANAS, 28.—O comunicado n.º 174 diz: «Na tarde de ontem, uma das nossas formações navais, em cruzeiro ao sul de Sardenha, entrou em contacto com uma esquadra inglesa proveniente de oeste e formada por alguns navios de batalha, um navio porta-aviões e numerosos cruzadores. As nossas unidades travaram combate e atingiram, seguramente, um cruzador do tipo «Kent» que ficou danificado e um do tipo

«Birmingham». Um projectil inimigo atingiu o cruzador «Fiume», mas não explodiu. O nosso contratorpedeiro «Lanciere» foi atingido de maneira grave e rebocado até à base. A artilharia contra-aérea das nossas unidades abateu dois aviões inimigos.

Emquanto a esquadra inimiga se afastava rapidamente para sueste, foi alcançada, a cerca de 200 quilómetros da Sardenha, por algumas das nossas formações de bombardeamento «S. 79», escoltadas pela nossa «caça». Um na-

vio porta-aviões, um navio de batalha e um cruzador, foram atingidos por bombas de grande potência. Reconhecimento aéreo sucessivo, controlou que o navio de batalha tinha parado, tendo incendio a bordo.

Durante encarniçados combates aéreos entre os nossos «caçadores» e a «caça» inimiga que tinha deslocado do navio porta-aviões, foram abatidos 5 aviões inimigos. Um dos nossos aviões de «caça» «SR-42» e um avião de reconhecimento não regressaram às suas bases.

No Mar Vermelho, na manhã de 26 do corrente, o nosso submarino «Galileo Ferraris» lançou três torpedos contra navios dum «comboio», fortemente escoltados. Os três navios foram atingidos em cheio e afundaram-se.—(R. R.)

A informação britânica

LONDRES, 28.—Foi recebida a notícia de que forças navais britânicas entraram em contacto no Mediterrâneo, pouco antes do meio-dia de ontem, com uma esquadra italiana composta de dois couraçados, acompanhados por grande numero de cruzadores e contratorpedeiros. Logo que se aperceberam da aproximação da esquadra britânica, os italianos mudaram de rumo e retiraram a toda a velocidade em direcção à base. Os navios britânicos perseguiram-nos e sabe-se que travaram luta a grande distância. Por agora não há mais informações a este respeito, mas logo que tal seja possível, serão fornecidos todos os pormenores da acção.—(E. T.)

Um desmentido italiano

ROMA, 28.—Comunica-se de fonte officiosa:—«A «Radio Londres» informou que no Oceano Índico uma formação britânica atacou navios italianos, afundando um navio porta-aviões e danificando, gravemente, duas outras unidades. Tal notícia é inventada em todos os pormenores, visto que nenhum encontro se deu no Oceano Índico. É verdade que os navios britânicos tentaram aproximar-se das costas do nosso Império, mas foram postos em fuga pela nossa aviação».—(R. R.)

A guerra no ar

Os bombardeamentos da R. A. F.

LONDRES, 28.—Formações aéreas de bombardeamento britânicas dirigiram com êxito os seus ataques durante a noite de ontem para hoje sobre os objectivos militares em Colónia e nos portos do Havre, Boulogne e Antuérpia, que foram vigorosamente bombardeados.—(Exchange Telegraph.)

Os ataques à Inglaterra

LONDRES, 28.—Comunicado do Ministério da Aeronautica:—«A actividade da aviação inimiga durante a noite passada limitou-se quasi inteiramente a ataques contra uma cidade do sudoeste da Inglaterra e de Londres e seus subúrbios. O ataque sobre a cidade do sudoeste da Inglaterra começou pouco depois do cair da noite e durou até cerca das 2 e 30 de hoje. Os ataques sobre a região londrina foram realizados de forma intermitente durante toda a noite mas sem que qualquer momento determinado atingisse grande violência. Em qualquer das zonas referidas sofreram danos casas de habitação e armazéns,

(Ver continuação na 3.ª pagina)

FATAL SENDA

Em todos nós, há uma parte de anjo e uma parte de demonio: colocados entre o bem e o mal, tratamos frequentemente a nossa consciencia, sem que de tal se deduza que amamos a traição. Somos fracos e ainda por cima ambiciosos. Tudo nos tenta, nos atrai e nos seduz, cedendo a um prazer aparente que temos de pagar a duro preço.

A guerra, por exemplo, encerra a visão satânica do triunfo. O homem sente que existe nela uma liberação: esmagar um inimigo poderoso exalta o orgulho e a crueldade lubrica que se sacia, matando, destruindo e vencendo.

Será possível suprimir a guerra, condenando-a e algemando-a, como se faz a um monstro ou a um fâcinora?

Amaldiçoá-la não é o mesmo que votá-la ao extermínio. As armas não se inventaram por um capricho. Desde a prehistoria, a humanidade anda empenhada em lutas ferozes que engendram novos odios e novas vinganças implacáveis.

Donde vem cla a sinistra ceifeira de vidas?

Em que ventre nasceu?

Que impavido furor nos sacode em certas horas e nos impele alucinadamente, como se a morte fosse o supremo desejo e a mais bela voluptua?

Teremos nós de voltar a Nietzsche e à insensibilidade extra-humana de Zarathustra, quando recomendava que evitassemos as lágrimas e o deliquio humilhante que nos causam?

Cain decidiu ser impiedoso: assassinou o irmão que era puro e perfeito, diante de Deus.

Conquistou um poder maior, rompendo os laços de sangue?

Cain largou a fugir do seu crime, mas nunca mais achou sossego. A sombra de Abel perseguiu-o. Via-o em toda a parte, nas suas vigílias e nos seus pesados sonhos.

—Porque me persegues, espectro errante, que segues os meus passos, tomando o lugar da minha própria sombra?

Nunca obtives uma resposta. O crime de Cain estava dentro dele—em todo o seu ser, na sua respiração e na sua ansia nomada de caminhar. Arranca-lo do seu coração, impossível. Agarrava-se a ele como a pele ao corpo.

Com a guerra, dá-se o mesmo: é filha dos nossos negros terrores, dos nossos instintos, vergontea enraizada no inconsciente. Erguem-se clamores contra ela, denunciando-a como oriunda das entranhas do pecado. Apesar disso, não a arredamos nem lhe diminuímos o tamanho das garras. Qual remorso de Cain, percorre a terra toda e em toda ela descobre altares em sua honra. Nós somos seres livres, mas a liberdade é uma faca de dois gumes que nos corta, enquanto nós supomos desembaraçar-nos das cadeias que nos prendem.

Porque não permanecemos fideis ao bem contra o mal?

A cada passo, desobedecemos áquele e preferimos este. Não é só a razão que nos governa, a carne e o apetite também. O anjo que habita em nós oculta a face sob as brancas asas. O demonio, o outro inquilino instalado no barro de que fomos feitos, rejubila e pula de contente.

E' ele, porventura, um verdadeiro bravo?

Serve-se das nossas cubicas e falais ilusões para nos sepultar nas imensas tragedias. Para ele, o essencial não é ser heroi, mas sim mestre de farsas. A guerra considera-a ele o seu espectáculo predilecto: deliciase, vendo o homem, obra-prima da Criação, possuído de coleras leoninas. Que sarcasmo não concebe!

Quando se fundou a Sociedade das Nações, pensou consigo:

—Santa simplicidade!

E viu, como só ele sabe rir—com frieza alvar e cinica.

Os acontecimentos não o desenganaram, visto que a Sociedade das Nações começou a produzir a paz tão vagarosamente que se embaraçou nos fios com que a havia de tecer.

Nova teia de Penélope?

Pior do que isso, pois prestes compreendeu que Ulisses não regressaria a Itaca. Não obstante, continuou a enredar fios uns nos outros, sem maneira de os destorcer.